

Índios

Nossos índios estão aprendendo uma lição: defender suas terras.



Uma pesquisa mostrou: os índios brasileiros estão se organizando para resistir a qualquer tipo de invasão de suas terras.

Os índios brasileiros estão se organizando para resistir a qualquer tipo de invasão às suas terras. A experiência do índio americano — contada no livro "Enterrem Meu Coração na Curva do Rio", onde é mostrada a devastação de várias populações indígenas — já chegou até as populações semi-aculturadas, como os Xavantes, que estão dispostos a não deixar que se repita com elas a triste experiência do massacre dos índios Sioux, dos Estados Unidos.

Essas são algumas das conclusões obtidas pelo professor Luiz Beltrão, da Funai, que, durante dois anos, entre janeiro de 1973 e janeiro de 1975, recortou diariamente tudo que a grande imprensa brasileira publicou sobre o assunto. Esse trabalho resultou num livro intitulado "O Índio: um Mito Brasileiro", a ser publicado pela Editora Vozes, numa linha sobre cultura brasileira, e que deverá estar à venda em janeiro próximo.

Pernambuco de Olinda, o professor Luiz Beltrão é fundador da Escola de Comunicações da PUC do Recife, onde lecionou Teoria da Comunicação, matéria que leciona, atualmente, no Centro de Estudos Unificados de Brasília (CEUB). A pedido da Funai, ele iniciou em 1973 uma pesquisa sobre o que a grande imprensa brasileira publicava a respeito do índio. Não apenas sobre o índio brasileiro, mas sobre o índio de todo o continente, ou, conforme prefere dizer, "as minorias étnicas internacionais".

— Fora dos objetivos da Funai, eu ampliei a pesquisa, conta o professor Beltrão. A pesquisa, para a Funai, era geral, para que as autoridades tivessem um conhecimento dos fatos ligados ao índio, tal como a grande imprensa os vê. Mas a minha pesquisa teve um sentido mais amplo, partindo da hipótese de que meus próprios conhecimentos sobre o índio

eram limitados, como o é o de todo o povo brasileiro.

No trabalho, o professor Luiz Beltrão verificou que esse conhecimento diz respeito apenas ao índio do período colonial — que se aprende no colégio — ou, no máximo, ao índio "personagem de José de Alencar e Gonçalves Dias". E, em outro plano, Beltrão diz que sabia sobre o índio "aquilo que o jornal publicava".

Então — continua — eu verifiquei que se conhece muito pouco sobre o índio, principalmente sobre o nosso índio atual. Em que estado estão os índios brasileiros? Em que estágio de civilização? Como o índio vive atualmente?

Em sua pesquisa, o professor Luiz Beltrão faz uma análise de como fatores históricos, como determinados grupos de bandeirantes ou outros tipos de penetração, liquidaram com formas evolutivas de civilização, como a dos índios Makués, na Amazônia — que se encontravam já em plena ascensão ao período agrícola ou a "República dos Guaranis", na "zona missionária", do Rio Grande do Sul, descrita por Érico Veríssimo na obra "O Tempo e o Vento", como a primeira república do continente.

Segundo o professor Luiz Beltrão, o que existe em relação ao índio é um grande desconhecimento. Ele explica:

— O desconhecimento do índio pode ser analisado em vários graus. No primeiro, está o povo, que não o conhece além do que é publicado. Em segundo nível, estão os veículos de divulgação, onde se gera todo o desencontro, pois, normalmente, os que escrevem sobre o índio também não conhecem a fundo o seu problema. Gera-se, então, um círculo vicioso. Raramente, na grande imprensa, lê-se algo escrito por um grande antropólogo ou um afeito à antropologia, analisando os problemas do índio. E o resultado — continua o professor Beltrão — é

que as pessoas que vão para lá, muitas vezes não entendem nada, de antropologia, e fazem confusões tremendas. Isso gera a falsa imagem do índio. Mas os antropólogos, por sua vez, costumam generalizar. As vezes, de posse de uma pesquisa realizada em determinada tribo, sob estímulos e condições específicas, estendem essa pesquisa a outras tribos, em situações inteiramente diversas.

Na opinião do professor Beltrão, com isso o índio que sai perdendo. O professor explica:

— Ganha a fama de preguiçoso, de rude. Isso, muitas vezes, atendendo interesses menos escrupulosos, como o de exploração da mão-de-obra indígena, barata, ou, em última análise, a posse de suas terras.

DISCRIMINAÇÃO

Todos esses fatores, segundo o professor Beltrão, fazem que o índio brasileiro sofra um processo de discriminação muito mais gritante do que o do negro.

— Essa discriminação é mais evidente nas populações envolventes, aquelas que têm um contato mais próximo com as tribos.

Essas populações, segundo o professor Beltrão, consideram o índio "uma espécie de fera, de bicho, que é preciso matar".

— Esse tipo de conduta só prejudica realmente aos índios, continua o professor Beltrão, como aconteceu aos índios negros, os "Ava-Canoeiros", perseguidos e se defendendo até a quase extinção.

E o professor lembra que existem outras implicações, na medida em que o Brasil reconheceu, em tratado, que a terra onde mora o índio é posse dele.

O trabalho do professor não tem aspectos definitivos, conforme explica:

— Eu não pretendo chegar a conclusões. Pretendi escrever um pouco da história do índio atual, baseado no que os jornais publicam.

Em sua pesquisa, o professor descobriu que as

contradições nas notícias são frequentes. Mas, que, ao lado dessas, "existem grandes generalidades".

— Por exemplo — diz ele — as notícias, de um modo geral, mostram que o índio resiste ao contato com a civilização. Ele se julga em sua terra e todo o resto é invasor. Seja a frente pioneira, de empresas de colonização do governo ou não, seja da Funai, ou para a construção de estradas, o índio sempre resistirá.

— Isso porque — continua o professor — o índio tem visto que o resultado das tribos que foram aculturadas ou atraídas tem sido decepcionante. E que ninguém pense que o índio não se comunica.

Em sua pesquisa, o professor Beltrão dá ênfase especial à comunicação intertribal, que se realiza em dois níveis: entre populações já aculturadas e entre tribos ainda sem contato com a civilização.

E ele conta: — No tocante à comunicação intertribal, nós temos notícias de assembleias realizadas, às vezes, com a participação de 13 a 14 tribos diferentes. Isso gera uma conscientização em dois níveis: uma das tribos aculturadas, que já realizaram assembleias até com a participação de um presidente da Funai, no Xingu. Outra realizada pelos padres missionários, na mesma região. E em se

segundo nível, são as notícias

de assembleias realizadas na selva, por tribos totalmente distantes da civilização.

E o professor Beltrão cita, como caso mais típico, o da tribo dos Waikás, da fronteira do Brasil com a Venezuela, tradicionais inimigos das tribos brasileiras do grupo Waimiri-Atroari. Sabedores de que seus tradicionais inimigos estavam sendo pressionados pelas frentes de trabalho que constroem uma grande rodovia federal, os Waikás se uniram ao grupo Waimiri-Atroari, para ajudá-los na defesa de seu território.

E o professor concluiu: "Anualmente, os Waikás estão se reunindo com os Waimiri-Atroaris. E os Waikás, segundo também notícias publicadas, já tomaram conhecimento e dominam as armas de fogo. Isso, somado ao fato que também contamos no livro, de que os Xavantes leram "Enterrem Meu Coração na Curva do Rio" — e estão dispostos a não repetir a tragédia dos Sioux serve como advertência de que o índio precisa ser melhor compreendido, pois não é mais aquele bugre que, em geral, se pensa que ele é.

De seu trabalho, o professor tem apenas uma esperança: que possa servir de alerta — ou quem sabe base — para o estabelecimento de uma nova política de relacionamento entre o civilizado e o índio.

Chico Dias